

INFORMAMOS QUE ESTA É UMA PRIMEIRA VERSÃO DO TEXTO APROVADO PARA PUBLICAÇÃO. ESTE ARTIGO AINDA PASSARÁ PELA FASE DE REVISÃO E DIAGRAMAÇÃO.

ID: 2890

DOI: <https://doi.org/10.30962/ecomps.2890>

Recebido em: 27/10/2023

Aceito em: 03/05/2024

Estratégias comunicativas e redes migratórias transnacionais em uma perspectiva bourdieusiana: A contribuição da *webdiáspora*

Camila Escudero

Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo, São Paulo, Brasil

Mohammed ElHajji

Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil

Resumo

O trabalho tem como foco desvelar as camadas simbólicas, intersubjetivas e comunicativas das relações entre migrante, comunidade diaspórica e sociedades de origem e destino, a partir das redes sociais migratórias transnacionais virtuais. Como recurso teórico-metodológico, baseamo-nos nos conceitos de espaço social e *habitus*, de Bourdieu, em uma pesquisa bibliográfica. Entre os resultados, destacamos o conceito de *webdiáspora*, como espaço dinâmico que dá visibilidade, no contexto migratório transnacional, ao estado da rede em determinado ponto do espaço-tempo e as relações materiais e simbólicas dos membros através de interações e práticas comunicacionais comunitárias virtualizadas.

Palavras-chave: comunicação; redes migratórias; Bourdieu; transnacionalismo; *webdiáspora*.

Communicative strategies and transnational migratory networks from a Bourdieusian perspective: The contribution of the *webdiaspora*

Abstract

The paper focuses on unveiling the symbolic, intersubjective and communicative layers of relationships between migrants, the diasporic community and societies (origin / destination), based on virtual transnational migratory social networks. As a theoretical-methodological resource, we based on Bourdieu's concepts of social space and *habitus*, in bibliographical research. Among the results, we highlight the concept of *webdiaspora*, as a dynamic space that gives visibility, in the transnational migratory context, to the state of the network at a given point in space-time and the material and symbolic relationships of members through interactions and virtualized community communication practices.

Keywords: communication; migratory networks; Bourdieu; transnationalism; *webdiaspora*.

Estratégias comunicativas y redes migratorias transnacionales desde una perspectiva bourdieusiana: el aporte de la *webdiáspora*

Resumén

El trabajo se centra en develar las capas simbólicas, intersubjetivas y comunicativas de las relaciones entre migrantes, comunidad diaspórica y sociedades (origen y destino), basadas en redes sociales migratorias transnacionales virtuales. Como recurso teórico-metodológico, aplicamos los conceptos de espacio social y *habitus* de Bourdieu, en una investigación bibliográfica. Al final, destacamos el concepto de *webdiáspora*, como un espacio dinámico que da visibilidad, en el contexto migratorio transnacional, al estado de la red en un punto del espacio-tiempo y a las relaciones materiales y simbólicas de sus miembros a través de interacciones y prácticas de comunicación comunitaria virtualizada.

Palabras-clave: comunicación; redes migratorias; Bourdieu; transnacionalismo; *webdiáspora*.

Introdução

Na tentativa de esboçar uma “filosofia da migração”, Di Cesare (2020), ao mesmo tempo em que insiste sobre a natureza formativa dos deslocamentos humanos, decorrente da junção de determinados topos históricos, contextos sociais e práticas culturais, sugere que o fenômeno não pode ser reduzido aos aspectos formais de certo habitar no espaço social e político, mas deve abranger sua dimensão existencial e relacional – este “contínuo debruçar-se para fora que corresponde ao próprio compasso da existência, à sua inerente excentricidade” (Di Cesare, 2020, p. 231). Iniciamos nosso trabalho a partir desse aceno metafórico no intuito de desvelar as camadas simbólicas, intersubjetivas constitutivas das estratégias comunicativas entre o migrante, sua comunidade diaspórica, sua terra de origem e a sociedade de destino, desde a perspectiva das redes sociais em geral e das redes migratórias transnacionais virtuais em particular.

Fenômeno tão antigo quanto à própria formação da sociedade humana, o trânsito das pessoas e o deslocamento dos grupos sempre mantiveram uma relação íntima com a troca e a circulação da informação. Não apenas os transportes são, conceitualmente, meios de comunicação, mas a própria troca de informações é um modo de deslocamento subjetivo dos indivíduos e grupos. Antes de se locomover fisicamente, o sujeito, primeiro, se projeta imaginariamente no espaço-tempo, e modeliza narrativamente seu lugar de destino (ElHajji;

Escudero, 2019) – a partir das informações recebidas, decodificadas e formatadas conforme sua visão de mundo, que denominamos aqui *background* cultural.

No caso das migrações transnacionais contemporâneas, marcadas pela popularização e incorporação das Tecnologias de Comunicação e Informação (TICs), é evidente o quanto o projeto migratório (desde sua concepção até a sua execução) é tributário dos novos experimentos organizacionais e das novas expertises tecnossociais. As condições de produção, circulação e consumo da informação através das redes sociais (tanto interpessoais e diretas como virtuais e mediadas) são, certamente, determinantes no redesenho dos mapas migratórios planetários e no redirecionamento de seus fluxos humanos. Para Gómez-Escalonilla (2012), essas informações que remetem à nova vida no país de destino, mas, ao mesmo tempo, não rompem drasticamente os laços no país de origem, é uma forma de suprir as necessidades de pessoas que vêm de longe, para um território novo e, na maioria dos casos, hostil. Essa população “demanda comunicação no sentido amplo, comunicação entendida como contato e, sobretudo, informação tanto de seus países de origem quanto da comunidade de referência assentada no novo país” (Gómez-Escalonilla, 2012, p. 109).

Se, historicamente, as redes sociais sempre foram movidas pelos mesmos princípios vinculativos (afinidades, identificações, proximidade afetiva e interesses materiais), a novidade reside hoje em sua gradativa virtualização. A busca por informações na internet e, principalmente, em grupos nas redes sociais virtualizadas – que constituem a *webdiáspora*, como veremos mais adiante – é uma prática comum e característica dos processos migratórios contemporâneos (Cogo, 2014; Cogo; Brignol; 2014).

O que se traduz, por um lado, na amplificação e maior abrangência de seu domínio, facilidade de seu acesso e praticidade de seu uso. Mas, por outro lado, esse processo de virtualização implica em certa impermanência, volatilidade, inorganicidade e multiplicidade pletórica. Ao contrário das redes tradicionais, as virtuais não exigem o mesmo grau de fidelidade e lealdade, tornando-se, muitas vezes, um espaço opcional, vocacional, complementar e não necessariamente definitivo ou irreversível. Motivo pelo qual nos parece importante abordar a questão das redes migratórias na contemporaneidade a partir de uma perspectiva que se distancie de todo essencialismo, ao mesmo tempo em que procura apreciar sua complexidade e mutabilidade, com ênfase nos modos de conformação da memória

coletiva do grupo e nas modalidades de enunciação das marcas de sua identidade diferenciada.

Assim, o objetivo deste trabalho é mostrar, a partir da realidade de nossa sociedade e época marcada por processos de virtualização proporcionados pelo avanço e popularização das Tecnologias de Comunicação e Informação (TICs), como as redes migratórias transnacionais se conjugam e se retroalimentam do *habitus* e do capital simbólico dos deslocamentos humanos. Busca-se, dessa maneira, evidenciar os recursos comunicacionais intrínsecos das populações migrantes e suas comunidades de modo a materializar espacialidades sociais e territorialidades existenciais, revelando a natureza subjetiva, mutante e rizomática de sua organização em rede.

De abordagem qualitativa, este estudo foi baseado em pesquisa bibliográfica envolvendo os conceitos bourdieusianos de *habitus* e espaço social, aplicados à realidade migratória, em um diálogo com conceitos como redes migratórias, transnacionalismo e práticas comunicativas comunitárias e virtuais.

O texto está organizado em três partes principais, além desta introdução e das considerações finais. Na primeira, abordamos o conceito de redes, suas particularidades e aplicações, em uma perspectiva histórica e sociológica para fins de enquadramento conceitual e apreensão teórica do fenômeno. Na segunda, enfatizamos as ideias de espaço social e *habitus* relacionadas à questão migratória com o intuito de destacar as comunidades diaspóricas como os primeiros objetos sociais aos quais remete a noção de rede quando aplicada ao contexto migratório transnacional atual. E, na terceira, procuramos avaliar em que medida as práticas *webdiaspóricas*, em sua dimensão transnacional, constituem uma imagem radiográfica das redes migratórias e refletem suas dinâmicas sociais e humanas.

Das redes e seus usos

Saglietto (2006) lembra que a noção de “rede” encontra suas raízes em estudos matemáticos do século XVIII, antes de ser progressivamente incorporada por praticamente todos os campos e todas as áreas de conhecimento humano, graças, essencialmente, ao uso da chamada “Teoria dos Grafos” – seu principal instrumento analítico. A originalidade dessa teoria, ainda segundo o autor, reside em sua capacidade de descrever e analisar realidades de

ordens diversas – desde a Matemática e Física até a Sociologia, Economia, Geografia, Urbanismo ou Informática.

Nas Ciências Humanas e Sociais, no entanto, pode-se constatar, conforme veremos mais adiante, que é a Sociologia Estrutural que melhor soube aproveitar as premissas da Teoria dos Grafos para a descrição, análise e compreensão das dinâmicas internas das redes (sociais, em geral, e migratórias no caso que nos interessa) – ao focar e formalizar o conjunto das relações e interações dos indivíduos / atores componentes dessas mesmas redes. O chamado “capital social” (ou sua versão migratória usada no presente estudo), por exemplo, deve ser apreendido a partir da “forma como os atores administram e utilizam esse capital e, em particular, as estratégias que eles empregam para exercer certo poder no conjunto do qual fazem parte” (Saglietto, 2006, p. 11).

A finalidade de tal abordagem é, de um lado, “restituir ao comportamento individual a complexidade dos sistemas de relações sociais nos quais eles ganham sentido e aos quais dão sentido” (Saglietto, 2006, p. 6, tradução nossa). E, por outro lado, apreciar a rede enquanto conjunto composto por “atores que mantêm relações entre si em situações específicas, em laços que podem ser mapeados graficamente, permitindo a identificação de subgrupos, as relações entre eles e suas intersecções” (Mance, 2012, p. 13).

Mance (2012, p. 13) ressalta, ainda, que para uma compreensão satisfatória das dinâmicas internas das entidades sociais constituídas em redes, há de considerar, dentre outros, “os fluxos de recursos, as relações e os padrões de realização de seus laços de retroalimentação, sejam de autorreforço ou autoequilíbrio, tanto colaborativos quanto conflitivos”. Assim, se a ‘rede’ é o conjunto dos atores que a compõem e das relações entre eles estabelecidas, os ‘atores’ seriam indivíduos, grupos ou entidades naturais ou sociais, enquanto as ‘relações’ representariam os padrões de vinculação entre esses autores.

Tal abordagem autoriza, notadamente, entender a ideia de rede em uma perspectiva institucional móvel e mutante, a partir de “seus fluxos de informações e/ou conhecimentos, bem como pelo exercício de influências e de poderes entre os atores sociais” (Mance, 2012, p. 15), evitando a tentação positivista de leituras fixas ou substantivas do quadro em observação. Destaca-se que o papel e a relevância de cada ator são tributários, ao mesmo tempo, de seu posicionamento social dentro do grupo (seu ‘capital material’ conjugado ao seu ‘capital simbólico’) e da topografia societal do grupo em questão (o conjunto de regras de jogo

estabelecidas e as manobras permitidas). Fica patente, portanto, que “o lugar social que um indivíduo ocupa determina a informação que ele pode acessar e a influência que ele tem na rede” (Mance, 2012, p. 15).

De fato, a Sociologia Estrutural, acima referida (também conhecida como Interacionismo Estrutural, Sociologia das Dinâmicas Relacionais ou Sociologia Relacional), considera o social desde um ângulo construtivista calcado nas práticas linguísticas, discursivas, narrativas e de produção de sentido enquanto construtos contextuais, sociais e históricos – na mesma proporção que avalia as próprias práticas discursivas e narrativas em sua dinamicidade social e enquanto “redes semânticas”. A noção de “identidade”, por exemplo, encontra seu significado ampliado a toda uma variedade de instâncias subjetivas e institucionais, agentes ou atores: “qualquer fonte de ação que não pode ser explicada por regularidades biofísicas e à qual os observadores podem atribuir significados” (Grossetti; Godard, 2007, p. 3, tradução nossa).

Além de se opor às abordagens funcionalistas e seus derivados neoclássicos (incluindo a noção de “ação racional” aplicada ao contexto migratório), o Interacionismo Estrutural ainda permite navegar entre os níveis micro e macro e entre os planos subjetivo e institucional, conferindo ao conceito de “agência” um potencial que decorre, justamente, da interação entre os diferentes atores inseridos na mesma rede e entre cada ator e o quadro institucional que o rege (Grossetti; Godard, 2007). Enfim, nosso interesse por este corpo teórico-metodológico para o estudo das redes migratórias também se justifica pelo fato que, nele, já se encontram germinadas as sementes conceituais de autores, hoje amplamente referidos nos Estudos Migratórios, tais como Simmel, Schütz, Goffman e Bourdieu.

Já no plano histórico, Arango (2003) lembra que o conceito de redes migratórias – entendidas no sentido de construção, interação e manutenção de vínculos sociais que unem as comunidades emissoras de migrantes com outras localizadas em pontos de destinos – foi sugerido pela primeira vez já no início do século XX, na obra *The Polish Peasant in Europe and America*, de Thomas e Znaniecki, publicada em cinco volumes, entre 1918 e 1920¹.

Truzzi (2008), por sua parte, afirma, em estudo sobre a conceitualização do tema, que a adoção da noção de “redes” pela Academia sucedeu à imagem linguística de “cadeias

¹ THOMAS, W. I.; ZNANIECKI, F. *The Polish Peasant in Europe and America*. Boston: William Badger, 1918–1920.

migratórias”, recorrente nos anos 1960, e buscou ampliar seu campo semântico. Formulada por MacDonald e MacDonald (1964), a ideia, evidentemente sistêmica e funcionalista, de cadeias migratórias era definida como “movimento pelo qual migrantes futuros tomam conhecimento das oportunidades de trabalho existentes, recebem os meios para se deslocar e resolvem como se alojar e como se empregar inicialmente por meio de suas relações sociais primárias com emigrantes anteriores” (Truzzi, 2008, p. 82).

Enquanto Massey (1988, p. 396, tradução nossa) sustenta que as redes migratórias constituem um complexo conjunto de “de laços interpessoais que ligam migrantes, migrantes anteriores e não-migrantes nas áreas de origem e de destino, por meio de vínculos de parentesco, amizade e de conterraneidade”. O mesmo teórico acrescenta que as redes transmitem informação, proporcionam ajuda econômica ou de moradia e prestam apoio aos migrantes de distintas formas, que facilitam a migração ao reduzir seus custos e a incerteza que frequentemente acompanham os deslocamentos (Massey *et al.*, 1998, p. 43-44).

Outro aspecto importante ao qual se relaciona o conceito é o funcionamento das redes como mecanismo de intensificação e perpetuação dos processos migratórios, ainda que seja reconhecida a existência de pontos de saturação e desaceleração de fluxos, em abordagens quantitativas e estatísticas. A natureza das redes é, de fato, cumulativa, “com tendência a crescer e se adensar, com cada deslocamento constituindo um recurso para os que ficaram para trás e facilitando os deslocamentos subsequentes, que por sua vez ampliam as redes e a probabilidade de expansão no futuro” (Arango, 2003, p. 20, tradução nossa).

Sem esquecer que, muitas vezes, a adesão a essas redes (principalmente quando traduzida por um apoio financeiro, logístico, institucional ou informativo) também acarreta uma dívida material e moral por parte do migrante e, assim, assegura seu engajamento implícito ou explícito nessas mesmas redes, reforça seu pertencimento comunitário e o integra aos efetivos humanos responsáveis pela afirmação e manutenção do capital social do grupo. Ou seja, quanto mais candidatos à migração recorrem às redes em questão, mais amplas, fortes, densas e eficientes essas redes ficarão, sobretudo quando seu substrato vinculativo é reforçado por narrativas de ordem orgânica / original como a religião ou a etnicidade.

Assim, conforme já exposto, não seria plausível dissociar as redes migratórias de sua natureza informativa / comunicativa e interacionista, sendo que é por meio dos próprios processos informativos e seus canais de comunicação que as redes tomam forma, atuam e se

autorregulam. De tal modo que, além da retroalimentação autopoiética (rede > informação / informação > rede), se pode afirmar que, conceitualmente, não é a rede que emite ou veicula a informação, mas que a rede é o próprio fluxo informativo que a atravessa e lhe dá forma e volume / a *in-forma* / a forma por dentro.

Seu papel, portanto, não se limita a reduzir as incertezas e riscos relacionados ao projeto migratório e diminuir seus custos materiais e psicológicos, mas, almeja oferecer ao migrante ou candidato à migração uma estrutura social material e/ou simbólica que projeta as coordenadas das espacialidades sociais e territorialidades existenciais do migrante e seu grupo. Importante reforçar que as redes sociais podem servir tanto a fins materiais, profissionais, econômico ou financeiros (busca de emprego, empréstimo etc.); institucionais (do administrativo ao jurídico); sociais e organizacionais (habitação, escola para os filhos, transporte etc.); mas, também, para ordens subjetiva e afetiva (círculo de amigos, prática religiosa, namoro e casamento etc.). Isso porque a natureza vetorial das redes permite convergências, bifurcações, superposições e interseções entre seus diferentes segmentos, oferecendo a possibilidade de leituras plurais e multiperspectivistas de cada nível e cada bloco de sua arquitetura organizacional / informacional.

Lembremos, a este propósito, que a indissociabilidade entre os aspectos informacionais e organizacionais (que é um dos principais princípios da cibernética) das redes sociais e migratórias tem sido reforçada pela teoria da globalização, notadamente com as contribuições de Castells (1999), segundo as quais a nossa época se caracteriza por sua reconfiguração enquanto “sociedade em rede”, resultado da imbricação entre suas instituições e as tecnologias de informação e comunicação (TICs)², doravante centrais e indispensáveis para o funcionamento da sociedade. Nova estrutura social que ele associa ao “surgimento de um novo modelo de desenvolvimento, o informacionalismo, historicamente moldado pela reestruturação do modo capitalista de produção, no final do século XX” (Castells, 1999, p. 51).

O mesmo autor enfatiza que “a comunicação constitui o ambiente simbólico no qual as pessoas recebem, processam e enviam os sinais que produzem sentido em sua vida” (Castells,

² Castells (1999) chama de “sociedade da informação”, “sociedade informacional” ou “sociedade rede” uma nova estrutura social, manifestada sob várias formas conforme a diversidade de culturas e instituições em todo o planeta.

2015, p. 29). Assim, pode-se entender as redes migratórias enquanto verdadeiras estruturas comunicativas e interacionistas, compostas pelos fluxos informativos que atravessam e envolvem indivíduos e grupos implicados em processos de mobilidade, e balizadas por reles (*relays*) humanos e tecnológicos que direcionam seu curso e pontuam seu ritmo espaciotemporal.

Espaço social e *habitus* migratório

Mas como as redes adquirem forma social e relevo histórico? Como elas se configuram em entidades dotadas de concretude, memória e identidade? Como mapear a sua topografia humana e representar a materialidade de suas trocas? No contexto migratório transnacional, as comunidades diaspóricas são, evidentemente, os primeiros objetos sociais aos quais remete a noção de rede, na medida em que não se pode ignorar do papel decisivo da comunicação e interação (direta ou mediada) na formatação e vivacidade das comunidades em geral e as diásporas em particular. De fato, conforme já frisado, a organização comunitária em geral e diaspórica em particular, não é apenas tributária do conjunto de dispositivos comunicativos que a sustentam e articulam, mas, é, sim, a própria estrutura comunicacional que vincula e tensiona o grupamento comunitário por dentro e por fora.

De um lado, no plano intracomunitário, é o trabalho de comunicação que possibilita a enunciação da identidade do grupo e a circulação das narrativas e discursos argumentativos que legitimam e dão sentido à sua existência enquanto ente social autônomo e diferenciado. E, por outro lado, no nível intercomunitário, é a mesma ação comunicativa que permite ao grupo disputar poder simbólico e posicionamentos vantajosos no jogo das negociações sociais, políticas e identitárias com o resto da sociedade. Sendo que, no caso específico da organização diaspórica, esse desenho se torna vetorial, abrangendo tanto seus mapas internos como a projeção de suas coordenadas na topografia social e cultural que a circunscreve, as conexões subjetivas que a religam a outras formações diaspóricas oriundas da mesma pátria-mãe e a própria pátria-mãe.

Segundo Sánchez (2008, p. 192, tradução nossa), as redes sociais podem contribuir para “criar ou transformar lugares geográficos em lugares simbólicos de referência, encontro e troca, e desenhar persistentemente, por meio desses fluxos, a figura do circuito e da circularidade como forma de mobilidade”. Processo no qual, migrantes e não migrantes

colaboram na formatação e consolidação da rede comunitária enquanto *locus* de comunicação, onde as pessoas “envolvidas nessas jornadas podem convergir e gerar interseções, concatenar outras rotas e jornadas, enfim construir histórias de vida influenciadas pela experiência migratória, mesmo sem nunca ter sido migrante” (Sánchez, 2008, p. 192, tradução nossa).

Assim, a transição da noção de redes migratórias à ideia de ‘espaço social’ nos parece mais que óbvia, na medida em que a imagem linguística representa um forte potencial para abordar o fenômeno migratório a partir de sua condição multiterritorial, sua realidade translocal e seu arranjo transnacional em rede. Espaço dinâmico e pregnante de possibilidades existenciais, o conceito remete, no contexto migratório transnacional, à totalidade das relações estabelecidas e as trocas materiais e simbólicas realizadas entre membros de um mesmo grupo através de suas redes comunitárias.

O uso da metáfora topológica é bastante recorrente na teoria social, mas é certamente a conceituação empreendida por Bourdieu que mais teve influência sobre o meio acadêmico e a pesquisa de matriz sociológica. A abordagem em questão preconiza a primazia do espaço social sobre os indivíduos e grupos – considerando, ao exemplo de Teixeira (2006, p. 7), que “o que existe no mundo social, não são grupos constituídos como se crê, mas esta realidade invisível que se chama espaço social”. Do mesmo modo que este ente simbólico se constitui enquanto “princípio de uma apreensão relacional do mundo social” (Teixeira, 2006, p. 35), desvelando a natureza construtivista tanto dos aspectos sociais e culturais das organizações humanas como das dinâmicas políticas e econômicas que as regem.

O espaço social, tal como idealizado por Bourdieu, se estrutura em torno de três tipos de capitais: o social, o cultural e o econômico, formando o que ele qualifica de “capital simbólico” (Bourdieu, 1994). A denominação, segundo o sociólogo, cobriria todo tipo de capital (econômico, social, cultural ou outro) quando é posto na perspectiva classificatória decorrente dos princípios de “visão e divisão” de nossos esquemas cognitivos – eles mesmos originados na incorporação pelo indivíduo e comunidade de estruturas objetivas de “distribuição do capital no campo considerado” (Bourdieu, 1994, p. 161, tradução nossa).

Por outro lado, do espaço social bourdieusiano não se pode dissociar os conceitos de ‘campo’ e ‘*habitus*’, cuja operacionalização, no contexto migratório, tensiona mais ainda a relação entre a organização diaspórica e sua ancoragem transnacional, translocal e multiterritorial. O espaço social é, segundo Wacquant e Akçaoğlu (2016, p. 41, tradução

nossa), “o conceito genérico do qual decorre logicamente o conceito específico de campo, como um espaço social especializado que emerge quando um domínio de ação e de autoridade fica suficientemente delimitado, autonomizado e monopolizado”.

O próprio Bourdieu (1992) define o campo social como campo de ação – uma rede ou uma configuração de relações entre posições sociais objetivamente determinadas por sua localização na estrutura de distribuição do poder simbólico. Segundo o autor (Bourdieu, 1984, p. 4, tradução nossa), o campo é “um espaço multidimensional de posições”, de tal modo que “toda posição atual possa ser definida em função de um sistema multidimensional de coordenadas cujo valor corresponde aos valores das diferentes variáveis pertinentes”.

É nesse contexto que se insere o conceito de “*habitus*”, elaborado por Bourdieu (2002) e explicitado como ‘princípio de ação’, que equivaleria ao conjunto de comportamentos e perspectivas decorrente do processo de socialização, experiência e trajetória social do indivíduo. O *habitus*, no entanto, não pode ser reduzido à ideia de reprodução fiel ou mecânica de hábitos adquiridos, mas sim comparado a uma gramática que permite a produção de variações sociais sobre os esquemas mentais psicossocialmente internalizados e historicamente significados.

Ou seja, se o espaço social é o quadro abstrato e simbólico geral no qual se dão as relações sociais, o campo representaria o contexto particular no qual as práticas sociais, culturais, políticas e econômicas ocorrem empiricamente. Já o *habitus*, enquanto gramática psicossocial, constituiria um dispositivo dinâmico e maleável, responsável pela efetivação da ação social, sua atualização e sua adequação à conjuntura histórica ambiente.

Assim, conforme já adiantamos e como era de esperar, a transposição do ideário bourdieusiano aos estudos migratórios se fez de modo totalmente consequente. Além da aderência natural da metáfora topológica do espaço social à realidade territorial da mobilidade humana, as noções de *habitus* e campo também acabaram se impondo enquanto recursos conceituais e analíticos de comprovada eficácia para a apreensão da questão migratória transnacional. Hoje, não é raro constatar o uso, na literatura migratória, as expressões de “capital migratório”, “campo migratório”, “*habitus* migratório” ou, ainda, “espaço social transnacional”.

Simon (1981) aponta que o campo migratório corresponde ao “conjunto do espaço percorrido, praticado pelos migrantes”. A noção remete, segundo ele, a um “espaço

específico, estruturado por fluxos importantes, significativos” e, quando conjugada à dimensão transnacional, a expressão “abrange ao mesmo tempo o país de partida e o país de [destino]” (Simon, 1981, p. 85, tradução nossa). O mesmo autor sublinha, entretanto, que a coesão de um campo migratório determinado e sua distinção dos outros campos migrantes adjacentes são proporcionais à solidez e grau de articulação das redes sociais formadas pelas populações migrantes dentro do espaço social transnacional, quando, por exemplo, o campo em questão reúne as variáveis étnicas, profissionais, linguísticas, religiosas e/ou outras.

Em que diz respeito ao *habitus* migratório, Remund (2009) explica que a noção corresponde à “parte do projeto migratório que independe das características pessoais do migrante” – as atitudes e comportamentos herdados de sua comunidade de origem por meio dos mecanismos de socialização, e que são, por sua vez, decorrentes das práticas migratórias das gerações anteriores. O que explica, segundo o mesmo autor, a “articulação direta entre a dimensão pessoal de maturação dos projetos migratórios e a criação de fluxos massivos de mobilidade”, constituindo verdadeiros sistemas migratórios dotados de “estruturas estáveis e duradouras, com tradições migratórias profundamente enraizadas, e que muitas vezes se estendem de uma geração a outra” (Remund, 2009, p. 125, tradução nossa).

Nedelcu (2010a), por sua parte, defende que, devido ao crescente desenvolvimento das TICs, as novas gerações de migrantes e candidatos à migração evoluem em um ambiente social já fortemente desterritorializado, facilitando, assim, a internalização e/ou desenvolvimento de um “*habitus* transnacional” que vai contribuir na reprodução social do fenômeno migratório. *Habitus* que, segundo Guarnizo (1997), resulta das próprias práticas migratórias experimentadas pelo grupo e que se efetiva e se perpetua dentro e em função de um campo particular. Assim, mais que identificação, proximidade, afinidade e interesse há entre os integrantes de um mesmo campo social, mais propício fica o contexto para a transmissão e reprodução do *habitus* transnacional.

Em síntese, conforme conceituam Oliveira e Kulaitis (2017), o *habitus* migratório corresponderia ao “o conjunto de disposições adquiridas que funcionam como princípio gerador de representações e práticas migratórias”. Esse tipo de *habitus*, que “se apresenta como fonte de inspiração e como facilitador dos percursos migratórios”, tem sua origem e formação, lembram os autores, nas “experiências migratórias pessoais ou vivenciadas no interior do grupo étnico e/ou familiar” (Oliveira; Kulaitis, 2017, p. 42).

Webdiáspora e redes transnacionais

Assim, pode-se observar que, se *habitus* e campo são componentes do espaço social transnacional, é justamente essa transnacionalidade que constitui a base das redes migratórias contemporâneas. Pluripertencimentos e multiterritorialidades, espaço social transnacional e práticas culturais híbridas, migrações de trânsito, re-migração, dupla presença ou migração de retorno são algumas das atuais manifestações migratórias que evidenciam a centralidade do eixo transnacional para o fenômeno da mobilidade humana na sociedade contemporânea.

A conexão e desconexão entre diferentes redes sociais, construídas a partir de demandas pessoais e identificação de interesses e valores comuns, em um movimento associado ao processo de migração, permite a vinculação do migrante a múltiplos territórios. Neste sentido, as relações transnacionais constituem uma perspectiva essencial das relações dos migrantes com esses diferentes territórios simbólicos (Brignol, 2012, p. 138).

O fato é que o referente transnacional, potencializado pelas dinâmicas transterritoriais e práticas translocais que lhe são associadas, redesenhou, por completo, os contornos da questão e reformulou radicalmente seus diversos aspectos organizacionais, discursivos e existenciais. Simultaneamente, considera-se a divisão teórica entre diásporas e comunidades transnacionais cada vez menos perceptível no plano empírico, na medida em que a inclusão da pátria-mãe na rede comunicativa do grupo em exílio e a ampliação dessa rede para as comunidades irmãs espalhadas pelo mundo se tornou a norma e não mais a exceção.

O contato permanente com a pátria-mãe e/ou as comunidades transnacionais irmãs, o consumo cultural e midiático a caráter étnico e a continuidade / manutenção do fluxo migratório, que consolidam e atualizam uma memória coletiva³ ancorada em práticas sociais e narrativas originais, contribuem na formatação de novas historicidades e novos enunciados identitários diaspóricos. Ao mesmo tempo em que, em função da aceleração e capilaridade das TICs, o acesso facilitado a outras vivências sociais e outras experiências culturais e identitárias migratórias concede ao migrante ou comunidade diaspórica um grau de autorreflexividade, uma expertise e uma retórica argumentativa excepcionalmente potentes – resultando em uma agência subjetiva-institucional que remete às premissas, anteriormente expostas, do Interacionismo Estrutural.

³ HALBWACHS, M. A **memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2006.

A incorporação crescente de tecnologias como a internet colabora fortemente para a instauração desse espaço comum de ação transnacional no que se refere à (re) afirmação de referentes identitários dos migrantes. A partir de distintos posicionamentos (locais, nacionais, transnacionais, etc.) buscam a constituição de um campo discursivo alternativo e contra-hegemônico de representação e visibilidade midiática não criminalizadora das migrações transnacionais e a construção e mobilização de uma agenda comum orientada às incidências nas políticas migratórias locais, nacionais e supranacionais visando à cidadania das migrações transnacionais (Cogo, 2012, p. 62).

Tal como conceituado por Vertovec (2004), o transnacionalismo migratório (dependendo do contexto histórico e/ou do evento específico observado) pode ser apreendido e compreendido enquanto princípio de formação social supranacional, base de consciência comunitária plural, modalidade de hibridização cultural, quadro de fluxos de capitais, modo de ativismo sociopolítico, e/ou processo de reconfiguração do espaço social migratório. Do mesmo modo, o fenômeno em questão pode se desdobrar em várias frentes e tomar diferentes formas: institucionais, decorrentes de políticas estatais ou subjetivas, fruto de iniciativas dos próprios migrantes, ações programadas ou atividades ocasionais, atuações segmentadas ou difusas, projetos focados no mercado ou em projetos sociais de natureza simbólica.

Já Glick-Schiller, Basch e Blanc-Szanton (1992), dão especial destaque ao fator relacional e comunicacional na estruturação do transnacionalismo migratório – ao apontarem que a noção remete a práticas e manifestações de ordem social, política e subjetiva que não podem ser dissociadas do aparato comunicativo que as envolvem e orientam. A reflexão das autoras sugere que se trata do conjunto de processos tecnossociais pelos quais os migrantes e suas comunidades constroem relações e vínculos que transcendem as fronteiras geográficas e políticas para interligar os países de origem e de destino, desenvolvendo e mantendo uma multiplicidade de trocas sociais e simbólicas familiares e/ou comunitárias que veiculam ações, afetos e modos de enunciação de sua identidade coletiva dentro de uma rede que conecta duas ou mais sociedades simultaneamente.

As atividades desenvolvidas pelos migrantes e a circulação de bens materiais e simbólicos delas decorrentes, através e além das fronteiras, não apenas constituem a base de sua identidade transnacional e definem sua posição e seu papel enquanto atores ativos dentro do espaço social compartilhado / distribuído em rede, mas contribuem diretamente na costura e conformação do próprio espaço social transnacional que os contêm. Ou seja, é o conjunto das práticas diaspóricas transnacionais e a diversidade / evolução de suas modalidades que

confere forma, volume e profundidade ao espaço social transnacional – um espaço de práxis circular, onde a interação subjetiva-institucional é, ao mesmo tempo, causa e consequência / continente e conteúdo. Segundo Diminescu (2008), os migrantes já não representam o paradigma do exilado separado de familiares e amigos, sozinho no estrangeiro, e sem apoio emocional. De fato, aparecem muito mais ligados a seus países de origem mediante interações culturais, familiares ou baseadas na amizade, que por meio da participação ativa em estratégias coletivas para o desenvolvimento.

Nedelcu (2010b), por sua vez, insiste no fato de que a realidade migratória transnacional só pode ser entendida em função do contexto histórico geral e suas múltiplas facetas, ao mesmo tempo sociais, econômicas, políticas e tecnológicas. De um lado, a reestruturação global do capital, das finanças e do mercado de trabalho e, por outro lado, a forte tendência dos migrantes transnacionais em empreenderem (social e economicamente) em suas sociedades de origem – incentivados pelo reconhecimento, por parte dos estados e governos, de seu papel significativo no desenvolvimento e geração de riqueza local.

As TICs, Internet, telefonia móvel e a otimização dos meios de transporte contribuíram profundamente na consolidação das redes sociais e aceleração dos fluxos de comunicação que envolvem e sustentam nosso real e no subsequente “encolhimento do planeta”⁴, devido à superação das espacialidades sociais e comunitárias locais pela temporalidade tecnológica transnacional. Mas é o deslocamento progressivo, cada vez mais acelerado e provavelmente irreversível dessas redes do “espaço real” para o “espaço virtual” que carrega e agrega, a nosso ver, maior significância histórica e maior relevância epistemológica para a compreensão da temática aqui estudada.

Evidentemente, as redes sociais migratórias continuam e continuarão sendo compostas por indivíduos e comunidades “reais”, que se usam de todos os meios de comunicação a seu alcance para interagir e trocar informações e ideias, formar opiniões, realizar ações e transações de ordem tanto material como simbólica, reforçar o sentimento de pertença e compartilhar afetos, desejos e projetos futuros. Ao mesmo tempo em que o *face a face*, o presencial, o imediato (não mediado), o corporal, o gestual, a oralidade, o toque e o olfato, a celebração, a agregação e o estar-junto continuam e continuarão sendo o espírito da comunidade – seja ela étnica, diaspórica e/ou transnacional.

⁴ HARVEY, D. **Condição pós-moderna**. São Paulo: Loyola, 1992.

Entretanto, à medida que as TICs se sofisticam, se popularizam, se democratizam e se tornam mais acessíveis, observa-se uma forte tendência à generalização de seus usos e sua conquista de um lugar central e hegemônico no conjunto das práticas diaspóricas e consumo cultural-midiático. Assim, em um primeiro momento, as TICs (redes sociais, aplicativos de telefonia móvel e Internet principalmente) refletiam a materialidade das trocas efetuadas no âmbito das redes migratórias e diaspóricas, constituindo mais um recurso a ser apropriado e aproveitado para consolidar a performatividade das redes e otimizar as interações nelas ocorridas.

Enquanto hoje, as TICs passaram do papel de “espelho” das comunicações intracomunitárias para se impor como principal “motor” dessas trocas, interações e estar-junto. De um reflexo (parcial e mais ou menos fiel) da realidade comunitária, as TICs passaram à função de catalizador, modelo organizacional e princípio de configuração comunitária. Além de permitir a instituição e difusão de práticas semióticas, discursivas e narrativas oriundas do universo digital, as TICs acabaram se tornando uma força agregadora sem a qual as comunidades diaspóricas contemporâneas terão pouca chance de competir na arena de luta pelo poder simbólico.

A inversão é a tal ponto significativa que se observa, hoje, o surgimento e organização de comunidades diaspóricas primeiro no espaço virtual, antes de tomar forma e se materializar no espaço físico. Grupos étnicos e nacionais recém estabelecidos no Brasil, por exemplo, levariam, no contexto do cenário tradicional privado dessas instâncias virtuais, anos ou décadas antes de poder se organizar, se constituir e se reconhecer enquanto comunidade diaspórica e passar a ter contato direto e trocas efetivas.

Enquanto hoje, antes mesmo de o migrante chegar, antes mesmo de o grupo contar um número significativo (ou massa crítica) para tomar consciência social e histórica de sua identidade / entidade, antes mesmo da ‘comunidade virtual’ existir, a ‘virtualidade da comunidade’ já se impõe como modelo existencial, social e semiótico: O fato é que a *web* vem se firmando como um espaço privilegiado de reordenamento de práticas sociais e experiências subjetivas dos imigrantes e suas redes. Com a valoração social, econômica e política das TICs e a sua entronização enquanto princípio organizador da contemporaneidade, as relações sociais e de produção são, cada vez mais, regidas por dispositivos desprovidos da dimensão material espacial e inscritos na temporalidade vácuca de uma difusão instantânea.

É, justamente, nesse sentido que propomos a apreensão da noção de “*webdiaspora*”⁵ enquanto tópico analítico das redes sociais migratórias transnacionais, em sua relação com os conceitos de *habitus* e capital migratórios é à luz das premissas do Interacionismo Estrutural. O conceito, conforme já exploramos em estudos anteriores (ElHajji; Escudero, 2018), remete à presença expressiva, na *web*, de comunidades diaspóricas de caráter étnico, cultural, nacional ou confessional composto em inúmeros *sites*, *blogs*, revistas eletrônicas, grupos, comunidades e páginas nas redes sociais, elaborados, mantidos e frequentados, exclusiva ou predominantemente, por membros dessas redes migratórias transnacionais. O fenômeno, vale salientar, se deve a fatores de natureza simultaneamente tecnológica e social-organizacional: por um lado, a própria condição aberta, plural e transnacional da Internet; por outro lado, as possibilidades de usos e reapropriações dessas tecnologias pelos migrantes e comunidades diaspóricas.

Reapropriações e usos ressignificados que, além de evidenciar e reforçar sua vocação comunitária, ainda lhe agregam valor e significado tanto de ordem cultural e identitária como social e política, voltados para as origens das comunidades migrantes, concentrados na sua integração na sociedade de destino ou assumidamente transnacionais e multiterritoriais. Ao pesquisar a comunidade de migrantes latinos na Espanha, Gómez-Escalonilla (2012) diz que esta função de integração derivada da informação desses espaços de comunicação virtualizados se soma à força da manutenção da própria identidade dos membros com a cultura de origem. “Esses meios também representam uma conexão com as raízes culturais ao trazer uma visão de mundo e uma maneira de ler a atualidade que é própria do grupo envolvido” (Gómez-Escalonilla, 2012, p. 119, tradução nossa). No caso dos migrantes latinos estudados pela autora, também é uma garantia de manter a língua, os hábitos e os costumes e a cultura nativa ainda que estejam vivendo em um país estrangeiro.

Ao mesmo tempo que se estruturam em função dos princípios vinculativos de afinidade, identificação, proximidade afetiva e interesse material, as *webdiásporas* não deixam de se articular, à imagem das redes migratórias, em torno de objetivos que envolvem atividades sociais próprias ao contexto migratório – sejam elas de ordem material, institucional, organizacional ou, ainda, simbólica e subjetiva.

⁵ Atualmente, aceita-se como sinônimos, noções como *e-diáspora*, *i-diaspora*, *webdiaspórica*, *diáspora networks*, *diáspora digital*, *@diaspora* entre outras.

Webdiaspora (no singular), enquanto fenômeno global, ou *webdiásporas* (no plural), enquanto experiências (nacionais, étnicas, culturais...) específicas, designam o conjunto de práticas socio-midiáticas oriundas, relacionadas ou voltadas para as comunidades e redes migratórias transnacionais. Produtos comunicativos de formatos virtuais que podem ser contemplados pelo conceito, desde que sejam concebidos e elaborados a partir da iniciativa migratória, considerem as atividades de seus membros, leitores ou simpatizantes e que sua finalidade seja a interação, coesão e identificação não só entre os espaços referentes aos países de origem e de acolhida, mas, de sujeitos e narrativas, em uma constante troca virtual evolutiva / auto-organizativa.

Martínez (2012) traz um interessante estudo sobre mudanças de comportamento e empoderamento feminino no povoado Huasteca, zona rural do México, a partir da instalação de um centro comunitário de acesso à internet. Em grande parte do tempo, os computadores disponibilizados eram usados pelas mulheres para se comunicar com familiares que migraram para os Estados Unidos. A partir desse contato e do encontro no local, as próprias mulheres criaram um blog no qual disponibilizavam notícias e fotografias de festas, eventos, pessoas e outros materiais sobre o povoado para que a população migrada e distante acompanhasse mais de perto o que estava acontecendo no lugar de origem. De acordo com um depoimento de uma das mulheres transcrito pela autora: “Agora, não fazemos somente tortillas, artesanatos ou bordamos, agora também estamos no computador e até sabemos usar a internet” (Martínez, 2012, p. 414).

Há de se considerar ainda sua natureza fundamentalmente comunitária, que pode ser conferida por meio do leque de seus usos, recursos e objetivos – desde o político, o econômico e o social até o cultural, o simbólico e o subjetivo. Por um lado, ela cumpre funções práticas primárias, tais como a comunicação com conterrâneos e familiares no país de origem e/ou imigrados em outras regiões do globo, a informação noticiosa da terra e povo de origem, e a manutenção dos laços culturais com a comunidade ancestral – notadamente por meio do consumo artístico e cultural midiaticizado. E, por outro lado, ela atua no sentido de coletar, organizar e divulgar informações locais, cruciais para os trâmites administrativos e a decodificação das regras normativas da sociedade de destino, a mobilização social e política local e global, e a formação de um sentimento de pertencimento e cidadania ao mesmo tempo local, transnacional e global.

Um exemplo interessante é o estudo de Blanchard (2012), sobre um *website* formado por migrantes senegaleses nos Estados Unidos (Senboutique.com). De acordo com a autora, a página surgiu a partir de uma estratégia do grupo de mulheres senegalesas residente nos EUA de organizar as remessas financeiras entre os migrantes e as famílias que permaneceram no Senegal. Assim, na página virtual criada, as famílias dos migrantes no Senegal disponibilizavam produtos relacionados aos hábitos e costumes da população, especialmente, alimentares e de vestuário, em linguagem própria, para venda, que eram consumidos e comprados pelos senegaleses que migraram. “Os migrantes mantêm, portanto, fortes laços sociais e emocionais, através do consumo de produtos originários via o Senboutique.com” (Blanchard, 2012, p. 259, tradução nossa).

Tudo isso, claro, não significa que a *webdiáspora* seja uma entidade fixa ou imutável. Pelo contrário, é tão complexa, fluída e volúvel quanto a própria ideia de rede ou de diáspora. Além de constituir, conforme já explicado, um catalizador comunitário, seus dispositivos tecnológicos refletiriam o modo pelo qual uma comunidade diaspórica ou coletivo de imigrantes organiza, em um momento específico de sua história, suas atividades através e na *web*: uma interface pela qual a comunidade aprimora suas práticas sociais, recorrendo a trocas e interações no meio e pelo meio digital.

Tratar-se-ia, portanto, de um coletivo disperso ou uma entidade heterogênea, cuja existência é baseada na elaboração de um objetivo comum – ainda que não seja definitivo e/ou claramente definido, mas sim constantemente renegociado à medida que o coletivo muda e evolui. A *webdiáspora* seria, assim, uma forma midiática instável por ser redesenhada por cada novo participante, autodefinida não pela inclusão ou exclusão de novos membros, mas pelo processo voluntário de indivíduos que se juntam ao coletivo ou o deixam. O que acaba oferecendo ao pesquisador a rara oportunidade de observar o surgimento, conformação e consolidação de narrativas de vida, discursos identitários, autorrepresentações culturais, reelaborações genealógicas e projeções sociais que não se limitam a desenhar os contornos da comunidade imaginada, mas antes, atuam no sentido de sua materialização histórica.

Nesse sentido, cumpre-se compreender qual o seu significado e valor analítico no âmbito da temática migratória transnacional, com relação à questão das redes sociais, em termos de capital e *habitus* migratórios, em relação à noção de espaço social e à luz dos princípios do Interacionismo Estrutural.

Considerações finais

A *webdiáspora* não é, nem representa a totalidade da (ou de uma) rede migratória transnacional. Aliás, se é hipoteticamente possível identificar o estado de evolução da rede em um determinado ponto do espaço-tempo (o “aqui e agora” imediato do observador), não seria factível buscar suas origens ou ponto zero. Por sua natureza rizomática, à medida em que a rede cresce, sua estrutura perde seus referenciais centrais e pontos de partida iniciais, tornando-se, cada vez mais, uma multiplicidade de justaposições e superposições de nós duradouros ou momentâneos. O ritmo, possibilidades e direções plurais de seu desenvolvimento se devem, como já exposto, à interação e retroalimentação sinérgica entre o conjunto dos atores e o contexto histórico geral no qual se dá o evento ou situação analisada.

Nesse sentido, a *webdiaspora* constituiria a imagem radiográfica da rede tal como ela se apresenta no momento de sua exposição e, ao mesmo tempo, um segmento e/ou trevo da rede – um ponto de inclinação, convergência ou bifurcação de suas linhas espaciais e temporais. Ou seja, a *webdiáspora* seria, simultânea e indissociavelmente, um componente e uma manifestação da rede, e a síntese de um determinado quadro migratório transnacional. Tudo em consonância com o princípio de interação entre a parte e a totalidade sugerido pelo Interacionismo Estrutural anteriormente explicitado. Amplo material teórico-empírico já foi publicado sobre esse tema enfatizando sua contribuição efetiva para as experiências migratórias contemporâneas. Em especial, destacam-se as obras organizadas por Cogo; ElHajji; Huertas (2012), Mattelart (2009) e ElHajji (2022).

Assim, preconiza-se o uso da *webdiáspora* enquanto mapa cognitivo para a observação, estudo e representação das dinâmicas migratórias de um contexto social e histórico específico. Suas narrativas, a natureza dos discursos nela veiculados, a densidade e intensidade das trocas entre atores, a localização geográfica desses atores, sua posição social e seu estatuto interseccional, correspondem, em mais de um aspecto, às premissas da Teoria dos Grafos. Oferece aos estudiosos do tema a possibilidade de identificar os conjuntos e subconjuntos componentes da rede, sua proximidade ou distanciamento, o sentido, ritmo e tendências de suas trocas, sua regularidade, recorrência ou rarefação etc. A *webdiaspora* não é a (totalidade da) rede, mas há de reconhecer seu valor heurístico e a pertinência de sua adoção

enquanto “frame analítico” para a apreensão e compreensão do fenômeno das redes migratórias transnacionais na contemporaneidade.

A mesma métrica permitiria avaliar a extensão do espaço social transnacional migratório – considerado, conforme definimos, o quadro abstrato geral no qual se dão as relações materiais e simbólicas entre membros de uma mesma diáspora e entre esses, a pátria-mãe e as comunidades irmãs. Basta, para tal fim, verificar a localização geográfica, posição social, pertencimento étnico e religioso e outras variáveis identitárias e enunciativas contidas nas trocas ocorridas dentro da *webdiáspora* observada. Mais uma vez, a imagem restituída pela *webdiáspora* não contempla a totalidade e multidimensionalidade do espaço social em questão, mas produz um quadro indicador de suas práticas, sua recursividade e a densidade de suas trocas.

Por outro lado, uma análise discursiva apropriada das trocas efetuadas pelos membros da comunidade permitiria identificar a funcionalidade do *habitus* migratório transmitido e o valor social / simbólico do capital migratório produzido através dessas trocas. A transição do estatuto de candidato à migração para migrante, a frequência das demandas dos candidatos e a consistência das respostas do migrados, o grau de engajamento dos membros da comunidade nessas trocas, assim como outros potenciais indicadores sociológicos e discursivos a serem sistematizados, podem revelar a dinamicidade da comunidade e o nível de sucesso de seu projeto diaspórico.

Enfim, a principal vantagem no recurso à *webdiáspora* para a descrição e análise das redes migratórias transnacionais reside em sua capacidade de acumulação temporal ou superposição cronológica das dinâmicas sociais (trocas e negociações) ocorridas em seu âmbito, já que seus registros (textuais, icônicos e audiovisuais) convertem a ordem diacrônica dos fatos em um quadro sincrônico estático. O que, se for decodificado e interpretado adequadamente, poderia constituir uma cartografia estrutural da realidade migratória estudada e permitir uma leitura multidimensional de seu desenho vetorial.

Referências

ARANGO, J. La explicación teórica de las migraciones: luz y sombra. **Migración y Desarrollo**, n. 1, p. 1-30, 2003.

BLANCHARD, M. Senboutique.com ou comment le recours à Internet participe à la construction d'une nouvelle identité transnationale pour les migrants sénégalais. *In*: COGO, D; ELHAJJI, M; HUERTAS, A. (Eds.). **Diásporas, migrações, tecnologias da comunicação e identidades transnacionais**. Belaterra: Instut de la Comunicació de la Universitat Autònoma de Barcelona, 2012. p. 253-268.

BOURDIEU, P. **Espace social et genèse des "classes"**. Actes de la Recherche en Sciences Sociales, 1984.

BOURDIEU, P. **Réponses: Pour une anthropologie réflexive**. Paris: Seuil, 1992.

BOURDIEU, P. **Raisons pratiques**. Paris : Seuil, 1994.

BOURDIEU, P. **Questions de sociologie**. Paris: Minuit, 2002.

BRIGNOL, L. D. Diáspora latino-americana e redes sociais da internet: a vivência de experiências transnacionais. *In*: COGO, D; ELHAJJI, M; HUERTAS, A. (Eds.). **Diásporas, migrações, tecnologias da comunicação e identidades transnacionais**. Belaterra: Instut de la Comunicació de la Universitat Autònoma de Barcelona, 2012. p. 123-140.

CASTELLS, M. **A sociedade em rede**. A era da informação: economia, sociedade e cultura, vol.1. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

CASTELLS, M. **O poder da comunicação**. São Paulo e Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2015.

COGO, D. Cidadania comunicativa das migrações transnacionais: usos de mídias e mobilização social de latino-americanos. *In*: COGO, D; ELHAJJI, M; HUERTAS, A. (Eds.). **Diásporas, migrações, tecnologias da comunicação e identidades transnacionais**. Belaterra: Instut de la Comunicació de la Universitat Autònoma de Barcelona, 2012. p. 43-66

COGO, D. Comunicação e migrações transnacionais – o Brasil (re)significado em redes migratórias de haitianos. **Revista de Estudos Universitários - REU**, v. 40, n. 2, 2014, p. 233-257. Disponível em: <https://periodicos.uniso.br/reu/article/view/2130>. Acesso em: 20 mar. 2024.

COGO, D; BRIGNOL, L. D. Comunicação e transnacionalismo: implicações nos estudos de consumo e recepção das migrações contemporâneas. *In*: Anais do XII Congresso Latinoamericano de Investigadores de la Comunicación. Lima: PUCP, 2014. Disponível em: <https://congreso.pucp.edu.pe/alaic2014/wp-content/uploads/2013/09/GT7-Cogo-Dutra-Brignol.pdf>. Acesso em: 20 mar. 2024.

COGO, D; ELHAJJI, M; HUERTAS, A. (Eds.). **Diásporas, migrações, tecnologias da comunicação e identidades transnacionais**. Belaterra: Instut de la Comunicació de la Universitat Autònoma de Barcelona, 2012.

DI CESARE, D. **Estrangeiros residentes: Uma filosofia da migração**. Belo Horizonte: Âyiné, 2020.

DIMINESCU, D. The connected migrant: an epistemological manifesto. **Social Science Information**, v. 47, n. 4, p. 565-579, Dec. 2008.

ELHAJJI, M.; ESCUDERO, C. Narrativas, territorialidades e memória coletiva no contexto webdiaspórico. *In*: CASTRO, P. C. (Org.) **Circulação discursiva e transformação da sociedade**. Campina Grande: EDUEPB, 2018.

ELHAJJI, M.; ESCUDERO, C. Webdiaspora, migration transnationales et mémoire collective: entre récits et repères. *In*: ZOUARI, K. (Org.) **Migrations contemporaines, territorialité, information et communication médiatisées**. Paris: Michel Houdiard Éditeur, 2019, p. 13-29.

GLICK-SCHILLER, N.; BASCH, L; BLANC-SZANTON, C. Transnationalism – A new analytic framework for understanding migration. *In*: Annals New York Academy of Science, v. 645, p. 1-24. New York: 1992.

GÓMEZ-ESCALONILLA, G. La voz de la comunidad latina española en Internet (España). *In*: COGO, D; ELHAJJI, M; HUERTAS, A. (Eds.). **Diásporas, migrações, tecnologias da comunicação e identidades transnacionais**. Belaterra: Instut de la Comunicació de la Universitat Autònoma de Barcelona, 2012. p. 105-122.

GROSSETTI, M., GODART, F. Harrison White: des réseaux sociaux à une théorie structurale de l'action, *SociologieS, Découvertes / Redécouvertes*, mis en ligne le 17 octobre 2007. Disponível em: <http://journals.openedition.org/sociologies/233>. Acesso em: 11 abr. 2021.

GUARNIZO, L. E. The emergence of a transnational social formation and the mirage of return migration among Dominican transmigrants. **Identities**, v. 4, n. 2, p. 281-322, 1997.

MANCE, E. A. Teorias de Rede - Introdução Conceitual e Elementos Organizativos. IFIL - Instituto de Filosofia da Libertação Solidarius Brasil, p. 1-28, 2012. Disponível em: http://euclidesmance.net/docs/teorias_de_rede.pdf. Acesso em: 29 mar. 2022.

MASSEY, D. S.; ARANGO, J.; HUGO G., KOUAOUCI, A; PELLEGRINO, A.; TAYLOR, J. E. **Worlds in Motion. Understanding International Migration at the End of the Millennium**. Oxford: Clarendon Press, 1998.

MASSEY, D. Economic development and international migration in comparative perspective. **Population and Development Review**, n. 14, p. 383-413, 1988.

MATTELART, T (Org.). TIC & DIASPORAS. **Revista Tic & Societé**, v. 3, n. 1-2, 2009. Disponível em: <http://ticetsociete.revues.org/587>. Acesso em: 20 mar. 2024.

MARTINEZ, L. M. Migración transnacional, TIC´s y nuevos procesos identitarios en el sur de la Huasteca, México. In: COGO, D; ELHAJJI, M; HUERTAS, A. (Eds.). **Diásporas, migrações, tecnologias da comunicação e identidades transnacionais**. Belaterra: Instut de la Comunicació de la Universitat Autònoma de Barcelona, 2012. p. 399-432.

NEDELUCU, M. Les migrants roumains online: Identités, habitus transnationaux et nouveaux modèles du lien social à l'ère du numérique. *Revue d'Études Comparatives Est-Ouest* 41(4), 49-72, 2010a.

NEDELUCU, M. (Re)penser le transnationalisme et l'intégration à l'ère du numérique. Vers un tournant cosmopolitique dans l'étude des migrations internationales? *Revue européenne des migrations internationales*, vol. 26, n. 2, 2010b.

OLIVEIRA, M. e KULAITIS, F. Habitus imigrante e capital de mobilidade: A teoria de Pierre Bourdieu aplicada aos estudos migratórios. *Mediações*, Londrina, v. 22, n. 1, p. 15-47, 2017.

REMUND, A. **Les chemins de la migration**: Une analyse de la mobilité étrangère à Genève. Genève: Université de Genève, 2009.

SAGLIETTO, L ; Quelques points de repères dans l'étude des réseaux par la théorie des graphes. **NETCOM: Réseaux, communication et territoires / Networks and Communication Studies**, v. 20, n. 3-4, december 2006. Réseaux sociaux, réseaux techniques et usages des TIC / Social and Technical Networks and Uses of I.C.T. p. 195-216.

SÁNCHEZ, L. R. Redes, prácticas de interconexión y vínculos sociales en un circuito migratorio transnacional. In: NOVICK, S. (Comp.). **Las migraciones en América Latina**. Buenos Aires: Catálogos, 2008. p. 173-194.

SIMON, G. **Réflexions sur la notion de champ migratoire international**. Hommes et Terres du Nord, 1981, pp. 85-89.

TEIXEIRA, F. A. O campo político. *Sociologia: Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto*, v. XVI, 2006, p. 41-85. Universidade do Porto, Portugal.

TRUZZI, O. Redes em processos migratórios. **Tempo Social – Revista de Sociologia da USP**, v. 20, n. 1, p. 199-218, 2008.

VERTOVEC, S. Trends and impacts of migrant transnationalism, working paper, 3. Oxford, Centre on Migration, Policy and Society, 2004.

WACQUANT, L. e AKÇAOĞLU, A. Pratique et pouvoir symbolique chez Bourdieu vu de Berkeley. **Revue de l'Institut de Sociologie**, n. 86, p. 35-50, 2016.

Dados de Autoria

Camila Escudero

E-mail: camilaescudero@uol.com.br

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9399-1207>

Instituição: Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo, São Paulo, Brasil
Minibiografia: Doutora em Comunicação e Cultura pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro (ECO-UFRJ). Docente-pesquisadora do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Metodista de São Paulo.

Mohammed ElHajji

E-mail: mohahajji@gmail.com

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-8699-8200>

Instituição: Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil
Minibiografia: Doutor em Comunicação e Cultura pelo programa de Pós-Graduação em Comunicação da Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro (ECO-PÓS - UFRJ). Professor Titular do programa de Pós-Graduação em Comunicação da ECO-PÓS - UFRJ.

Dados do artigo

Resultado de projeto de pesquisa, de dissertação, tese:

Não.

Fontes de financiamento:

Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), por meio de Bolsa de Produtividade em Pesquisa 2, e Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (Fapesp), por meio de Auxílio Regular.

Apresentação anterior:

Não.

Agradecimentos/Contribuições adicionais:

Não se aplica.

Apenas para textos em coautoria

Concepção e desenho da pesquisa:

Mohammed ElHajji e Camila Escudero.

Coleta de dados:

Mohammed ElHajji e Camila Escudero.

Análise e/ou interpretação dos dados:

Mohammed ElHajji e Camila Escudero.

Escrita e redação do artigo:

Mohammed ElHajji e Camila Escudero.

Revisão crítica do conteúdo intelectual:

Mohammed ElHajji.

Formatação e adequação do texto ao template da E-Compós:

Camila Escudero.

Dados sobre Cuidados Éticos e Integridade Científica

A pesquisa que resultou neste artigo teve financiamento?

Sim, Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), por meio de Bolsa Produtividade 2, e Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (Fapesp), por meio de Auxílio Regular.

Financiadores influenciaram em alguma etapa ou resultado da pesquisa?

Não.

Liste os financiadores da pesquisa:

CNPq (Bolsa Produtividade 2): Mohammed ElHajji

Fapesp (Auxílio Regular): Camila Escudero

Autora, autor, autores têm algum tipo de vínculo ou proximidade com os financiadores da pesquisa?

Não.

Descreva o vínculo apontado na questão anterior:

Não se aplica.

Autora, autor, autores têm algum tipo de vínculo ou proximidade com alguma pessoa ou organização mencionada pelo artigo?

Não.

Descreva o vínculo apontado na questão anterior:

Não se aplica.

Autora, autor, autores têm algum vínculo ou proximidade com alguma pessoa ou organização que pode ser afetada direta ou indiretamente pelo artigo?

Não.

Descreva o vínculo apontado na questão anterior:

Não se aplica.

Interferências políticas ou econômicas produziram efeitos indesejados ou inesperados à pesquisa, alterando ou comprometendo os resultados do estudo?

Não.

Que interferências foram detectadas?

Não se aplica.

Mencione outros eventuais conflitos de interesse no desenvolvimento da pesquisa ou produção do artigo:

Não se aplica.

A pesquisa que originou este artigo foi realizada com seres humanos?

Não.

Entrevistas, grupos focais, aplicação de questionários e experimentações envolvendo seres humanos tiveram o conhecimento e a concordância dos participantes da pesquisa?

Não se aplica porque a pesquisa não envolveu a participação de seres humanos.

Participantes da pesquisa assinaram Termo de Consentimento Livre e Esclarecido?

Não se aplica porque a pesquisa não envolveu a participação de seres humanos.

A pesquisa tramitou em Comitê de Ética em Pesquisa?

Não se aplica porque a pesquisa não envolveu a participação de seres humanos.

O Comitê de Ética em Pesquisa aprovou a coleta dos dados?

Não se aplica porque a pesquisa não envolveu a participação de seres humanos.

Mencione outros cuidados éticos adotados na realização da pesquisa e na produção do artigo:

Não se aplica.